

Considerações sobre o ensino de filosofia em EJA

Considerations on teaching philosophy in EJA (Education for Young People and Adults)

Consideraciones sobre la enseñanza de la filosofía en EJA (educación de jóvenes y adultos)

Selson Garruti¹

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Sagrado Coração (USC) e em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Pesquisa Educacional pela UEM e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor de Filosofia pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED), selsongarutti@hotmail.com.

RESUMO

O ensino de filosofia para alunos na escola de EJA justifica-se se esse for o ensino de criação de conceitos que dê conta de discutir seus problemas. Não há cisão entre filosofia e filosofar. O ensino de filosofia deve ser produção filosófica como o fazem os filósofos, portanto o professor de filosofia deve ter uma postura filosófica, senão será apenas aula de história da filosofia. O ensino da disciplina filosófica deve levar o aluno a instrumentalizar possibilidades de criação de parâmetros filosóficos para interpretar o mundo de forma original e autônoma rumo à sua emancipação.

Palavras-chave: Ensino. Formação. Experiência filosófica. Criação de conceitos.

ABSTRACT

The teaching of philosophy to students from EJA (Education for Young People and Adults) school is justified if it is the teaching of the creation of concepts that can cope with the discussion of their problems. There is no division between philosophy and philosophizing. The teaching of philosophy must be philosophical production as in the case of the philosophers. Therefore, the philosophy teacher must have a philosophical stance; otherwise it will be only a history of philosophy lesson. The teaching of philosophy has to lead the student to exploit opportunities for the creation of philosophical parameters to interpret the world in an original and autonomous way towards his/her emancipation.

Key words: Teaching. Formation. Philosophical experience. Creation of concepts.

RESUMEN

La enseñanza de la filosofía a los estudiantes en la escuela de EJA se justifica si esta es la enseñanza de la creación de conceptos que consiga discutir sus problemas. No hay división entre filosofía y filosofar. La enseñanza de la filosofía debe ser producción filosófica como lo hacen los filósofos, por lo tanto, el profesor de filosofía debe tener una postura filosófica, si no la clase será sólo sobre la historia de la filosofía. La enseñanza de la filosofía debe conducir al alumno a aprovechar las oportunidades para la creación de parámetros filosóficos para interpretar el mundo de una manera original y autónoma hacia su emancipación.

Palabras-clave: Enseñanza. Formación. Experiencia filosófica. Creación de conceptos.

INTRODUÇÃO

O presente texto pretende contribuir para a reflexão, o estudo e a crítica a respeito do conteúdo de filosofia no ensino de EJA, dentro do sistema de ensino brasileiro público e privado. Digressões vêm sendo realizadas na grande maioria do interior das comunidades educacionais. Tal reflexão deve, inicialmente, constituir-se em um novo olhar no qual se contextualiza o problema determinando, com isso, uma reflexão de origem e desenvolvimento ao longo da história, da cultura e da educação brasileira. Estabelecendo uma ponderação sobre as teorias, na qual se funda toda discussão tomada sem um sentido provisório, como toda teoria, a filosofia aqui é entendida como reflexão teórica e crítica de problemas que são apresentados pelas relações do ser humano com a natureza, consigo mesmo e com os outros seres humanos, relações a partir de necessidades e exigências historicamente constituídas.

Para refletir sobre a filosofia aplicada no ensino de EJA, deve-se pensá-la de forma distinta do conceito do senso comum, entendido como conhecimento espontâneo e pré-crítico de fundamentação e não como pensamento religioso, teológico. A filosofia, ou ato filosófico de reflexão, deve ser entendida como uma ação crítica-reflexiva necessária que se constitui não somente como desvendamento de verdades originais, mas também como sendo medida de difusão científica do conhecimento, socializando e transformando em ações concretas (LEOPOLDO E SILVA, 1992). É a partir desse conceito filosófico que se propõe a discussão. É o momento em que o ensino de filosofia adquire um sentido prático de reflexão/ação para os educadores e para os educandos.

A proposta deste texto se desenvolve a partir de considerações que objetivam demonstrar a importância, a necessidade e as exigências de conceber um ensino de filosofia como sendo a um exercício de revisão teórico-metodológico crítico dos problemas de um dado contexto histórico.

Embora a expansão do ensino de filosofia no ensino de EJA, atualmente, seja algo significativo, não se pode deixar de lado a preocupação com a qualidade desse ensino e, portanto, da necessidade de uma criteriosa seleção de seus conceitos e conteúdos (BRASIL, 2006).

O ensino de filosofia no ensino de EJA: algumas considerações

O ensino de filosofia deve ser entendido aqui como uma atividade teórica de reflexão, ação e crítica dos problemas que a realidade traz. Esses problemas refletem as necessidades e exigências de uma dada realidade alocada num tempo e num espaço específicos.

Partindo dessa realidade histórica, a filosofia só poderia encontrar a sua “verdade” na “adequação” à essa realidade concreta, da qual não é permanente na história.

Tanto a história quanto a filosofia são mutáveis, completam-se e complementam-se. A filosofia muda com a história e se enriquece com ela. Não é uma atividade reflexiva exterior ao mundo, trata-se de uma aventura humana cujas raízes estão na história (DELEUZE e GUATTARI, 1992).

Um segundo ponto há de ser questionado: o que é filosofia ou em que consiste a atividade filosófica?

Para responder a essa indagação, faz-se necessário optar por algum conceito. Mas qual ou quais conceitos ou definições escolher para poder estabelecer tal ideia? Ao assumir esta ou aquela posição, podem ser negadas as descobertas e considerações de vários outros filósofos em um determinado momento histórico diferente. Por outro lado, se uma posição histórica não for identificada, nunca haverá um conceito formal, real e historicamente constituído. Portanto, pode-se aqui haver um comprometimento a partir de uma atitude ingênua de negação ou de afirmação da história.

Para obter uma resposta satisfatória, as questões levantadas não podem assumir um caráter final e definitivo, à semelhança das “verdades absolutas”. Pelo contrário, deve ser constituído por resultados reais entendidos como provisório, fruto e consequência de um processo elaborado historicamente pelos seres humanos para atender a determinados interesses e necessidades de uma dada realidade (APPEL, 1999).

Pode parecer que a falta de rigidez definitiva seja um indicativo de um fracasso filosófico; mas, diferente disso, é a ausência de um consenso a respeito da natureza, da tarefa da filosofia e do filosofar significativo que organiza a filosofia a partir do conceito

de paradigma ao invés de verdade absoluta. Constitui-se em uma efervescência rica em contribuir para uma ação reflexiva contrária a muitos interesses dominantes.

A reflexão filosófica se constitui basicamente por uma variedade de discussões com possíveis soluções nas quais a formulação de problemas contribui em maior ou menor grau para uma compreensão mais ampla e mais profunda dos problemas com que se defronta ou confronta. Assim, a ação filosófica de reflexão se constitui a partir das amplas e profundas possibilidades de equação dos problemas pelos quais tal ação se defronta.

A filosofia, em primeira instância, não se constitui propriamente em dar soluções aos problemas, mas sim na proposição de formular problemas fundamentais como mecanismo de melhor equação para a boa consecução de suas soluções hipotéticas possíveis.

Quanto mais problemas com suas respectivas soluções forem apresentados, mais certeza se poderá ter de que houve um movimento filosófico na relação de construção do conhecimento verdadeiro. Filosofar consiste em uma postura de relação com a realidade, procurando não só justificar e fundamentar o conhecimento, como também, buscar modificações e transformação do mundo cognitivo. Portanto, ao pensar na ação reflexiva do processo filosófico como sendo uma ação cognitiva de conceitos abertos de verdades e possibilidades é não tê-la como conceito dogmatizante de verdade fechada e absoluta. Filosofar pode ser aqui entendido como a ação que objetiva encontrar, na transformação dos fatos sociais, políticos, econômico, culturais e etc., alguma norma fixa duradoura e permanente. A partir disso, constitui-se o estado ideal de sociedade que, constantemente, deve ser capaz de gerar uma revolução transformadora da sociedade estamental em uma sociedade transformada e transformadora.

A partir dessa perspectiva, a reflexão filosófica consiste em ser uma ação eminentemente social, pois não pode ser concebida e desvinculada das relações sociais de produção, pois é uma ideia original de afirmação da indissolubilidade da teoria com a prática. Em coadunância com esta afirmação, uma sociedade é constituída a partir de classes sociais responsáveis pela revolução social. A ação filosófica só se realiza e se desenvolve se estiver enraizada em uma dada realidade no tempo e espaço, a partir de

problemas concretos e é concomitante a uma ação tanto política, histórica, social, econômica, quanto cultural e filosófica.

A reflexão/ação do filosofar se desenvolve a partir das práticas sociais em suas contradições reais constituídas em seu processo histórico. Não deve ser constituída por digressões de mera especulação em si mesma e nem estar baseada em jogos de conceitos abstratos e especulação vazia. Filosofar deve constituir-se em uma reflexão/ação de conceitos e experiências vividas pelo real. Nesse sentido, os problemas levantados estão em consonância com respostas provisórias da realidade histórica, que não é permanente e pode ser questionada.

Enquanto reflexão/ação, a filosofia se constitui como um pensar que reflete a sociedade a partir da produção econômica, dividida em classes antagônicas que buscam o poder e o controle social, de acordo com os interesses práticos e suas finalidades.

Desse modo, filosofar consiste em elaborar concepções de mundo a partir das relações sociais de produção, questionando-se como as concepções ideológicas atuam como instrumento de consciência ou dominação para assegurar a coesão social. O ato de filosofar consiste em romper com o consenso acrítico que mantém uma letargia dominante nas consciências, apreendendo o real a partir dos códigos de conduta prática e inculcando valores em que a sociedade deve se submeter (ASPIS, 2004).

É aqui que a filosofia se faz necessária, quando dá conta de “organizar” as classes sociais divergentes e dominadas em torno de novas e/ou diferentes concepções de mundo que conteste valores e práticas culturais vigentes e predeterminadas, quebrando dominações de verdades hegemônicas das classes dominantes.

A partir dessas considerações, a pretensão em definir o conceito de filosofia consiste em ser algo provisório, na tentativa de romper com noções dogmáticas de verdades absolutas do discurso acerca dessa questão filosófica. O que se pretende aqui é apenas delinear caminhos possíveis para elucidar a questão do sentido e do conceito definitivo do filosofar.

A filosofia consiste em ser uma revisão teórica que se propõe crítica e problematizadora em relação às questões e indagações de si por si mesma, de si pela natureza e por si pelos outros atores sociais. Nesse sentido, a atividade filosófica deve ser constituída por uma relação consciente da teoria com uma prática social. Assim, a

filosofia se constitui em um instrumento científico de conhecimento e de transformações socioculturais e não apenas um conhecimento de contemplação do real. Pensar a filosofia a partir desses conhecimentos transformadores consiste em romper com crenças de imutabilidade de modo a enxergar, filosoficamente, o mundo a partir de noções, de interpretações e transformações do e para o conhecimento. A reflexão filosófica deve constituir-se em uma atividade teórica relacionada com uma prática de ação social capaz de conscientizar os sujeitos para uma prática reflexiva, interrogadora e integradora acerca dos pressupostos da ação humana, da sociedade e sobre a natureza. Nesse sentido, filosofar consiste não só em saber a história da filosofia, mas também a de orientar, organizar e fundamentar-se na prática questionadora em vista às transformações socioculturais efetivadas a partir da realidade como um todo.

Dessa forma, a filosofia consiste em uma elaboração transformadora de percepção do ser humano como sendo cidadão frente às várias representações hipotéticas do real, enquanto produtos de uma dada situação historicamente constituída. É capaz de ser questionada e transformada a partir do exercício de uma crítica prática.

A filosofia é uma ação capaz de refletir sobre relações entre problemas e hipótese, produzido pelas “verdades” produzidas historicamente, nesse sentido filosofia consiste em uma crítica radical e rigorosa que interpreta as práticas sociais e, por conseguinte, a transformação da realidade existente. Enquanto reflexão crítica e radical de problemas de uma dada realidade, a filosofia consiste na busca de uma elaboração constante da apreensão do real em sua totalidade tomando consciência dessa mesma totalidade buscando constituir a tomada de consciência dos condicionamentos socioculturais, políticos econômicos e etc para assim poder superá-los.

A reflexão filosófica pretende entender a base dos fundamentos do problema inserido em seu contexto. Sem tal noção conscientizadora da totalidade, sem uma devida preocupação com o rigor crítico, a reflexão filosófica se perde em um vazio de interpretações especulativas de digressões descontextualizadas.

Filosofia no ensino de Educação de Jovens e Adultos(EJA) só tem sentido se constituir uma ação de reflexão crítica de problemas que se constituem a partir de necessidades e exigências de um dado momento histórico, propondo possibilidades

diferenciadas de interpelação, transformação e resolução das questões atuais. A “atividade filosófica” é, portanto, um esforço sistemático e crítico que visa compreender cada problema como expressão singular e concreta de uma dada realidade, em um tempo e em um espaço específicos, de modo que a partir dessa compreensão singular seja possível chegar a uma inferência maior de conhecimento dessa mesma realidade em sua totalidade.

Pensar em filosofia para o ensino de EJA, em sua amplitude, requer pensar em seu objeto de estudo em sua totalidade reflexiva. Dessa forma, o ato de filosofar não pode assumir para si um objeto próprio, delimitado e único sobre o qual se desenvolve qualquer ideia. O objeto da filosofia, na verdade, é o próprio ato de reflexão no qual consiste em uma atividade teórica desenvolvida a partir dos problemas concretos, suscitados da própria realidade e levantados por qualquer ação humana, seja ela cultural, política e etc. Isso porque é um pensar sobre a ação humana e o ato pedagógico que se constitui no objeto de investigação da filosofia, ou seja, é o ato de filosofar (CORBISIER, 1996).

O objeto de estudo da atividade filosófica são os problemas suscitados pelas relações sociais de produção do homem com ele mesmo, com a natureza ou com a sociedade. A filosofia é, então, fruto e consequência das práticas humanas, isto é, manifestação de uma dada concepção de mundo constituída a partir dos problemas concretos de um determinado tempo e espaço constituído (BRASÍLIA, 2004).

A atividade filosófica consiste em uma ação humana presente no cotidiano com seus problemas e que são os objetos dessa reflexão – ação tão necessária para despertar a consciência crítica dos sujeitos históricos. Nesse sentido, filosofar não é um privilégio dos profissionais da filosofia, mas sim é uma qualificação humana para desempenhar qualquer ação. Filosofar incidiu em uma reflexão – ação calculada constituída pelas concepções de mundo existentes. É essa a diversidade que orienta e organiza as visões unitárias e críticas de uma ação reflexiva não alienada da realidade histórica concreta.

Filosofar, portanto, é transformar em conhecimento esse esforço crítico de unir as diferentes concepções de mundo, tomando consciência de si mesmo como parte integrante do todo social como sendo fruto e produto de um processo histórico constituído por meio das relações dialéticas das forças de produção. Portanto, é tomar

consciência de sua própria história dentro da totalidade social e suas diversidades. Mas essa ação, muitas vezes, não se efetiva por imposição ideológica. Forças contrárias aos interesses do bem comum podem construir, a partir de imposições mecânicas de uma concepção de mundo formulado por um grupo social que busca ocultar a verdade com jargões sociais de naturalidade e familiaridade, um pseudomundo social e desigual para assim protegerem seus interesses individuais. Faz-se necessário, portanto, constituir o ato de filosofar em uma ação conscientizadora presente no mundo cotidiano, capaz de realizar ideologicamente uma investigação concreta do real.

Filosofia e senso comum

Quando se pensa em conhecimento, pensa-se em uma ação cognitiva como sendo expressão de uma ação humana concreta, enquanto conjunto de valores fornecidos pelo meio em que a pessoa vive. Essa ação é uma tentativa de conhecer harmonicamente o meio em que se vive e as atividades que nele se desenvolvem. Esse conhecimento, quando formulado de forma desagregada de ideias e opiniões críticas, não oferece uma direção consciente e constitui-se em “senso comum”. É dessa atividade prática e espontânea que o ensino de filosofia para jovens e adultos deve partir. Ou seja, partir da realidade significativa do aluno, para que o seu estudo e compreensão tenham, de fato, um verdadeiro significado nas suas vidas.

Toda ação humana em seu mundo segue sempre uma orientação, o que não quer dizer, necessariamente, que seja sempre resultado de uma reflexão crítica. Essas ações humanas constituídas pelo senso comum contêm características difusas e dispersas de um pensamento genérico de certa época em certo ambiente popular. Isso significa dizer que o senso comum se nutre de noções estereotipadas de verdades, conceitos e preconceitos e, até de superstições próprias da consciência coletiva acrítica, possibilitando ser massa de manobra (GRAMSCI, 1991).

O ponto de vista do senso comum enverga-se facilmente às exigências e ditames de uma prática esvaziada de fundamentação teórica e acaba por ser reduzida ao pratíssimo. Seu referencial de análise se formula a partir de crenças populares arraigadas

em interesses de certos grupos sociais dominantes, mantendo o vínculo histórico de dominação dessas classes.

O ato de filosofar deve partir das noções do senso comum para dar significado ao aluno, mas jamais ser constituído por esses referenciais teóricos, porque não se pode conhecer adequadamente a realidade pelo senso comum. Torna-se, assim, impossível a compreensão de seu movimento real, pois fixa seus saberes apenas nas aparências externas e não em seu movimento interno. Por fim, acaba-se percebendo cada problema dessa realidade como único, fixo e eterno, independente do todo social quando, na verdade, os problemas são exatamente contrários à noção massificadora e desfocada historicamente da sua realidade (GRAMSCI, 1991).

Pensar o ato filosófico sem estar norteado por uma reflexão/ação radical e rigorosa é refletir a partir de conceitos forjados pelo senso comum, ação essa infelizmente praticada em muitas salas de aulas. Sua reflexão acaba provocando um processo de idiotização construído por uma ação pedagógica de memorização e estímulo e resposta, captando os problemas da realidade de forma superficial, voltada para aspectos mais imediatos e concretos, inflexíveis (SILVA, 1997).

Esse tipo de pedagogia idiotizante não tem a mínima preocupação com a sistematização crítica dos aspectos da realidade. Pretende-se uma ação acéfala, pois está preocupada apenas com a memorização e a reprodução fidedigna dos conceitos e não desenvolve uma atividade de reflexão dos fundamentos dessa ação.

Além disso, uma pedagogia calcada na memorização e não na reflexão compreende a apreensão da realidade e de seus problemas apenas na aparência e na superficialidade dos fenômenos, construindo análises parciais sem a devida preocupação como “contexto” e o “pretexto”, ficando apenas no “texto” e pelo “texto” (KOCH e ELIAS, 2006).

Pensar os problemas filosóficos apenas pelo “texto” constitui-se em uma reflexão isolada do todo da sociedade, como se não fossem produtos dessa mesma sociedade e das relações socioculturais entre os homens e não fossem resultados de certas condições históricas que lhes deram origem. Pensar filosofia sem uma crítica reflexiva constitui-se em uma ação pedagógica de princípios de efeitos e em uma série de

juízos identificados a partir desse fenômeno e não uma ação que problematiza as devidas causas com seus juízos relacionados.

Um pensamento sem crítica constitui-se em um mecanismo pedagógico com uma visão mecanicista e utilitária do mundo, enquanto que uma reflexão/ação crítica constitui-se em um processo de transformação histórica de consciência teórica das contradições sociais e que implica em uma ação prática de transformação da realidade.

O ato de filosofar de forma crítica constitui-se em uma posição reflexiva que se contrapõe às outras visões de mundo que se concretizam em confronto e conformidade com o senso comum. É essa relação dialética que produz as rupturas entre o que se pode ser e o desejo de ser uma determinada cultura de uma sociedade concreta. É nessa relação que se estabelecem os confrontos das diferentes “concepções de mundo” de uma ação reflexiva construindo, assim, uma postura reflexiva de consciência e produzindo um estado de não passividade moral e política (GALLINA, 2004).

Há na escola uma construção do conhecimento constituído a partir de uma relação dialética das diferentes visões de mundo que se contradizem. Essas práticas só se afirmam provocando uma ruptura entre os desejos de ser e as possibilidades de ser em uma determinada sociedade cultural. Tal relação de confronto e acomodação sociocultural deve prevalecer à concepção de mundo mais crítica e ativa, tendo tal movimento um resultado ético da consciência.

Portanto, o ato de filosofar na EJA deve ser encarado como manifestação consciente das diversas concepções de mundo, construindo uma noção crítica difusa nos vários ambientes socioculturais e políticos nos quais se desenvolvem a estatura moral da consciência humana (GALLO e KOHAN, 2000).

Dessa forma, o ato de filosofar na EJA deve construir, fundamentalmente, uma crítica das diversas concepções fragmentadas do conceito de verdade organizada em torno das ideologias de grupos organizados na busca de uma unidade ortodoxa de moralidade, adequada a uma ordem social dada por uma nova concepção do real.

Filosofar na EJA consiste em um exercício de reflexão e superação do conceito daquilo que vem a ser o senso comum, por meio de uma compreensão crítica do próprio

ser e da realidade, dado por uma imersão histórica da consciência em fazer parte de uma determinada força hegemônica.

Somente pela tomada de consciência histórica do processo de produção existente, dentro de um mundo cada vez mais repleto de contradições com as suas próprias convicções, é que surgem pessoas e/ou grupos de dirigentes que formulam novas concepções de mundo conscientes do todo real (prática e teoria).

Esses intelectuais que surgem como consequência desse processo dialético, o de consciência, passam a organizar e coordenar os grupos minoritários, tornando-se o sustentáculo na manutenção e difusão da nova concepção de mundo (KOHAN, 2002).

A filosofia, nesse ponto, confunde-se com a vida e torna-se a expressão histórica da cultura; depurada por elementos socioculturais e político-econômicos transforma-se em vida. É um movimento dialético entre teoria e prática, voltado para a totalidade do mundo, após ter sido pensada a partir de uma prática anterior.

Considerações finais

Para finalizar essa reflexão, deve-se salientar a importância da filosofia enquanto reflexão crítica e radical do conhecimento apropriado pela comunidade de investigação. Não consiste em construir verdades e sistemas acabados e absolutos, mas em acompanhar reflexivamente os acontecimentos da realidade, questioná-los em seus fundamentos e colocá-los como problemas provisórios a partir dos quais buscam-se soluções ou surgem novos problemas, também provisórios. A filosofia é, nesse sentido, não só a descoberta de verdades originais, mas também a difusão crítica de verdades já estabelecidas em suas difusões anteriores.

O ato de filosofar como reflexão radical e crítica deve ser socialmente transformador em bases de ações vitais e não como conceito dogmático, afirmativo e submetido aos interesses de algum determinado grupo ou classe social.

A filosofia no EJA deve ser proposta como necessária, enquanto negação do já estabelecido e afirmação de novos conceitos e paradigmas. A filosofia se faz presente como reflexão a partir da experiência construída pela ação de investigação elaborada por

problemas levantados, na medida em que o pensamento crítico se constrói a partir das condições pelas quais o homem e a mulher produzem a sua existência e pelo qual se constrói a sociedade.

A filosofia constitui-se enquanto prática e entendimento do conhecimento, não como apropriação de ideias, mas sim como compreensão do sentido da experiência. É o conjunto dessas experiências que deve ser o objeto de reflexão da filosofia.

A filosofia e o seu ensino devem desenvolver a sensibilidade para os problemas relevantes citados pela ação humana em seu contexto determinado.

Os problemas relevantes devem estar situados em um tempo, em uma atualidade histórica. Deve-se estar atento aos acontecimentos do seu tempo histórico e buscar soluções peculiares a ele, mas sem desprezar concepções do passado quando também foram discutidos problemas suscitados por aquele contexto. Cada época tem seus próprios problemas, assim como cada espaço sociocultural.

A filosofia torna-se atividade teórica indispensável e necessária ao existir humano, à medida em que se propõe a pensar sobre a problemática de uma situação concreta, em suas manifestações políticas, econômicas, social, religiosa e cultural.

A discussão filosófica deve ser, necessariamente, uma reflexão que leva em questão aspectos de uma realidade total e não se descuidar dessa totalidade. Não deve elaborar um discurso formal estruturado em si mesmo ou desenvolver uma crítica puramente teórica, desligada da concreticidade do problema. Deve, sim, construir uma análise de conjuntura crítica, radical e rigorosa, das contribuições das ciências em seus resultados. Desse modo, podem ser explicados seus pontos ideológicos e cobrada a coerência entre suas discussões teóricas e as práxis decorrentes. Com isso, é possível construir um sólido processo pedagógico de reflexão da interação entre práxis, a totalidade e a consciência.

REFERÊNCIAS

- APPEL, E. Filosofia nos vestibulares e no ensino médio. **Cadernos PET – Filosofia dois**. Curitiba, 1999.
- ASPIS, R. O professor de Filosofia: o ensino de filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica. **CEDES**. Campinas, nº 64, 2004.
- BRASIL. **Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília, MEC/SEB, 2006.
- BRASÍLIA. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares do ensino médio**. 4º ed., Brasília: MEC/SEB, 2004.
- CORBISIER, R. **Introdução à filosofia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, v. 1.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** (Coleção Trans.). Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.
- FERRATER MORA. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.
- GALLINA, S. O Ensino de Filosofia e a criação de conceitos. **CEDES**. Campinas, n 64, 2004.
- GALLO, S.; KOHAN, W. (org.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LEOPOLDO E SILVA, F. Por que a Filosofia no Segundo Grau. **Revista estudos avançados**, v. 6, n. 14, 1992.
- KOHAN, W. Perspectivas atuais do ensino de filosofia no Brasil. In: FÁVERO, A; KOHAN, W. O., RAUBER, J. J. **Um olhar sobre o ensino de filosofia**. Ijuí: UNUJUÍ, 2002.
- SILVA, E.T. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.